

EXPRESSO MIAMI -- CHICAGO

Uma viagem de trem pelo interior dos Estados Unidos

"À TARDE" 16/10/46

(Especial para A TARDE —
SAMUEL BENCHIMON)

Miami ficou atrás com as suas praias, as suas avenidas largas e os seus hotéis de luxo onde os milionários e turistas vêm passar as suas férias de verão. Dentro da noite o nosso Pulman SW1 corre velozmente sobre os campos da Florida em direção ao doce país da Georgia.

Georgia. Um nome lírico que nos faz lembrar a velha luta de sul, dos confederados e dos yankees, de Scarlett O'Hara, de "O vento levou".

País dos algodões e dos negros escravos, do Mississippi, das velhas mansões coloniais, dos aristocratas e dos colonizadores do sul. Uma paisagem uniforme bem trabalhada pelo homem desfilia perante os nossos olhos encantados: brancos algodões, plantações de milho a perder de vista, fazendas de gado, pequenas vilas que os mapas não mostram, e em todo o percurso os trilhos da estrada de ferro unido distâncias enormes e abreviando as

terras férteis do sul, agrícola e romântico, com as terras férteis do norte industrial e aspero.

Assim atravessamos Georgia, Alabama, Tennessee e Kentucky, nomes queridos das canções sulistas. De um lado e outro da estrada de ferro sucedem-se as mesmas plantações de milho e de algodão, que abastecem mais da metade do mercado mundial, enquanto o nosso Pulman

(Continua na 4ª página)

Expresso Miami- Chicago

(Conclusão da 1ª pag.)

dirige-se velozmente em direção do norte.

Ao lado dos trilhos, a estrada de rodagem asfaltada, ampla e enorme, e o telegrafo de vinta fios, assistem o homem no seu trabalho aproximando fazendeiros e lavradores dos campos e industriais e usineiros das grandes cidades. Aqui e ali pequenas povoados, burros, cidadezinhas pequenas, vilas, que merecem um poema, e dão uma cor típica à civilização rural dos Estados Unidos: -Jenksville, Sanyrna, Tommasville, Moberly, Birmingham em Alabama, Nashville em Tennessee, Louisville em Kentucky, algumas com expressão industrial e demográfica. Kentucky marca a fronteira do sul com o norte, que uns velhos tempos dividia os Dixies dos Yankees.

Aqui passa a linha imaginária que os velhos americanos denominaram "Mason and Dixie line" que a realidade de outrora deu fóros de fronteira. A colonização em Kentucky é maior do que em Tennessee, Alabama e Georgia. As fazendas e as plantações são mais contínuas, o trabalho mais intenso. No entanto a paisagem continua mais ou menos uniforme, sem grandes obstáculos. Seus grandes rios, a não ser o Mississippi que, tira mais a oeste, seus grandes afluentes a não ser pequenos riachos, que não merecem o nome de rios e sul todo é acessível e fácil ao homem. Um contraste violento com a paisagem rebelde do Vale Amazônico. Desenvolveu-se assim uma intensa e admirável civilização, cujos valores são mais rurais e agrícolas do que urbanos e industriais.

Ao deixarmos Kentucky entramos no Estado de Indiana onde começa o domínio do norte industrial e progressista. Indianapolis é o primeiro aviso de que a paisagem mudou, mas mesmo assim por horas e horas de trem persistem as modernas fazendas e plantações que os arados mecânicos cortam de um lado e de outro da estrada.

Treze horas a grande velocidade, o nosso trem levou percorrendo o Estado de Illinois. Treze horas de expectativa e ansiedade para ver a maior cidade do meio-oeste.

Eram quasi duas horas da madrugada quando chegamos a Chicago. Somente um vento frio, gelado, de inverno, lá das bandas do Lago Michigan veio nos receber em Illinois Central Station.

1 de Outubro de 1946.

Chicago—Illinois

Endereço: Miami University, Ogdan Hall, 384—P. O. Box, 524—Oxford—Ohio—U.S.A.